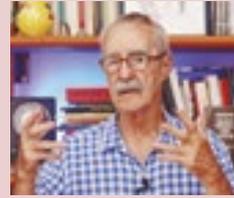


Arrigo grava disco
com canções do
amigo Itamar



PÁGINA 3

Luiz Carlos
Lacerda lança dois
livros de poesia



PÁGINAS 6 E 7

A chef Carolyn
Vaz e as delícias
feitas com jaca



PÁGINA 8

2º CADERNO

Divulgação

Estação NET Botafogo

inaugura retrospectiva

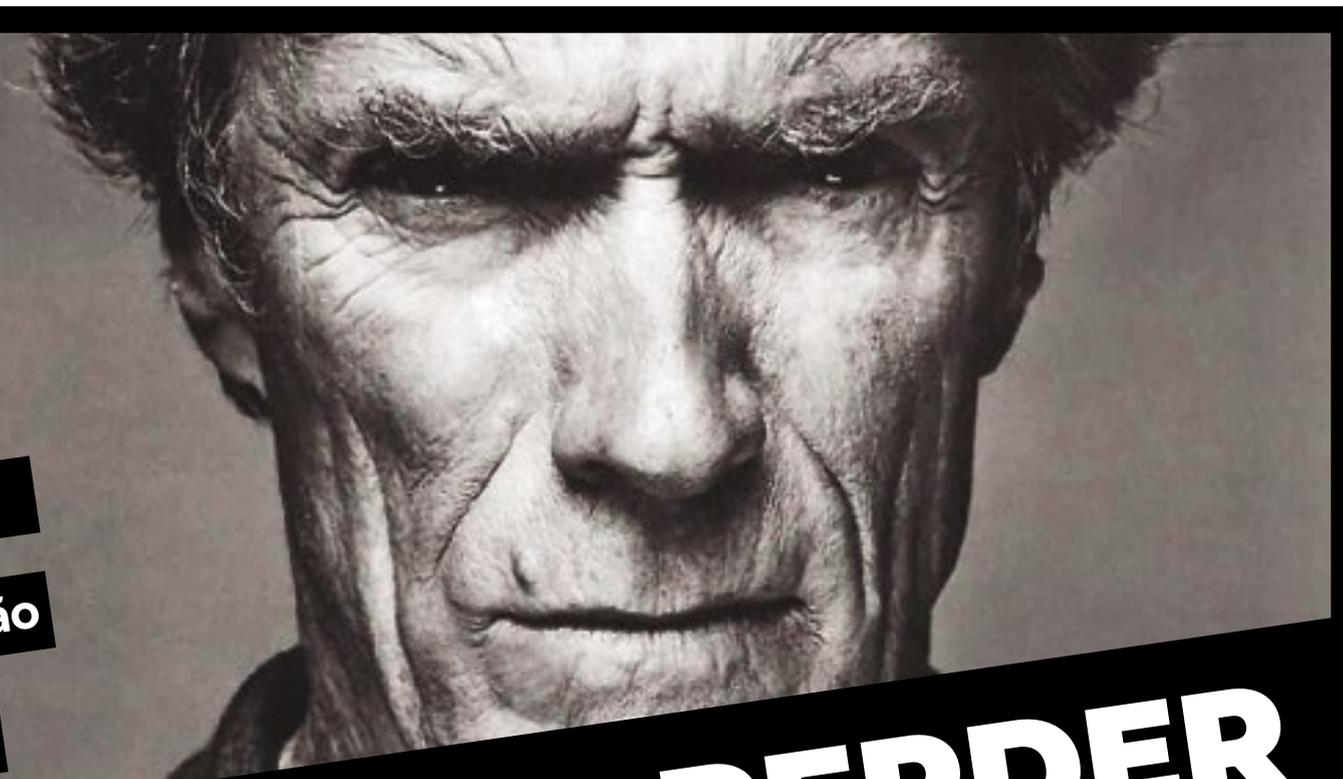
do ator, cineasta e

mito do faroeste e

outros gêneros, como

comprova uma seleção

de sua obra integral



IMPERDOÁVEL PERDER A MOSTRA EASTWOOD

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Cannes vai anunciar sua programação no dia 11 de abril, mas acredita-se que “Juror #2”, novo longa-metragem de Clinton Eastwood Jr., de 93 anos, seja um dos destaques da programação. A forte expectativa pela estreia do thriller jurídico com Nicholas Hoult ser-

ve como chamariz para a retrospectiva que o Estação Net Botafogo inicia no dia 28 (quinta), sob a curadoria do crítico e cineasta Mario Abbade. A mostra “O Ator, o Diretor, o Gênio” foi dividida entre os meses de março, abril, maio e julho, somando 70 filmes – sendo dez em película e o restante em DCP (Digital Cinema Package).

A parte inicial traz 28 filmes, marcando o início da programação que vai até 3 de abril. A saga continua em maio (Parte 2) e culmina em julho (Parte 3). Serão projetados em tela grande produções que contaram com a

atuação ou direção de Eastwood, incluindo raridades do início de sua carreira, como coadjuvante, vide: “Francis na Marinha”, “Emboscada em Cimarron Pass”, “Lutando Só pela Glória” e “Mulheres, Sempre Mulheres”. Constam da grade de abertura do evento: “O Último Golpe” (14h30); “O Estranho Que Nós Amamos” (16h45); “Por Um Punhado de Dólares” (18h55); e “Gran Torino” (21h).

Entre 1971 e 2021, Eastwood, sob inspiração de seus mestres Sergio Leone e Don Siegel, dirigiu 43 longas-metragens e duas produções para a TV, numa trajetória marcada por fenômenos de bilheteria e dois Oscars

para coroar sua verve cineasta, um conquistado por “Os Imperdoáveis” (1992) e outro por “Menina de Ouro” (2004). Ponha nessa travessia cinco indicações à Palma de Ouro, com direito ao troféu Carroça de Ouro, da Quinzena de Cineasta, em 2003, e uma láurea honorária, em 2009. Sua reputação entre os exibidores é de salas cheias. Seu prestígio entre a crítica internacional é de ser uma voz autoral, acostumada a fazer do humanismo a munição da incursão investigativa que faz a múltiplos gêneros, seja o policial da franquia “Dirty Harry” ao drama romântico, em “Pontes de Madison” (1995), passando pela suspensão da lei do realismo em musicais como “Jersey Boys”.

Continua na página seguinte

Conheça a seguir, o quanto essa jornada do astro da série “Rawhide” pelas veredas da direção é plural, com três filmes menos citados do realizador, selecionados pelo Correio da Manhã com base na obra integral de Clint, sob inspiração da cuidadosa seleção do crítico Mário Abbade.

1.

CAVALEIRO SOLITÁRIO (“PALE RIDER”, 1985): Embora o jazzístico drama musical “Bird”, de 1988, costume ser apontado como o filme que atraiu o respeito dos críticos para Eastwood como realizador, foi um western o real responsável por sua transição para a seara

Eastwood concorreu à Palma de Ouro com o faroeste ‘Cavaleiro Solitário’



um jornalista investigativo. Espécie de Gay Talese caído em desgraça, o repórter Steve Everett, mulhereengo e alcoólatra, foi decalcado da literatura de Andrew Klavan. O personagem tem dívida com a ex-mulher e com a filha. Mas dá preferência à missão de provar que um condenado à morte (Isaiah Washington) pode ser inocente. Começa uma corrida contra o tempo – e o racismo – que Eastwood constrói em tempo real, escavando tensão de cada um dos 127 minutos deste thriller jornalístico.

TRÊS JOIAS POUCO CITADAS NA RICA FILMOGRAFIA DO GRANDE ATOR E CINEASTA

dos autores. Sua receita: US\$ 41,4 milhões. Além de dirigir, ele também assumiu o papel principal. Na telona, o ator e diretor vive o pregador que chega a um vilarejo de mineradores pobres submissos às humilhações do latifundiário Coy Lahood (Richard Dysart). Ninguém sabe o nome do pastor, embora o coração e outras partes da anatomia da adolescente Megan (Sydney Penny) latejem quando o religioso abre a boca em seus sermões do tipo: “E olhei e vi um cavalo claro; e o que nele montava era a Morte, e o Inferno o seguia”. De colt em punho, o emissário do Senhor vai fazendo justiça em sequências fotografadas em tons pastéis por Bruce Surtees.

2.

CRIME VERDADEIRO (“TRUE CRIME”, 1999): Um dos raros fracassos de Clint nas bilheteiras, esta tensa produção de US\$ 55 milhões buscou explorar uma faceta antes não trilhada pelo ator em sua fauna de tipos anti-heróicos:



‘Crime Verdadeiro’, um thriller antirracista



‘Honkytonk Man’ traz um Clint como músico

3.

HONKYTONK MAN – HOMEM DE BAR (“HONKYTONK MAN”, 1982): “Diria que ‘Bronco Billy’, ‘Honkytonk Man’ e ‘Coração de caçador’ são meus filmes mais esquisitos. E, por isso mesmo, foram os menos compreendidos à sua época”, afirmou Eastwood em uma entrevista ao Brasil, em 2012, levantando a bola do drama musical que lançou em 1982, com base em romance de Clancy Carlile. O projeto nasce de um interesse do astro pela cena musical do interior dos EUA, que transformou as raízes do folk em argamassa para a sonoridade country. Na trama, ele vive Red Stovall, músico que dribla o tempo, uma tuberculose e suas peripécias de alcova a fim de fazer uma travessia sonora de sucesso até Nashville. A produção foi orçada em US\$ 2 milhões e faturou o dobro só nas bilheteiras dos EUA.

SERVIÇO

MOSTRA CLINT EASTWOOD: O ATOR, O DIRETOR, O GÊNIO
Estação Net Botafogo 1 e 2 (R. Voluntários da Pátria, 88 – Botafogo)
Parte 1 – De 28/3 a 3/4 | Preço por sessão: R\$ 16

Reprodução



Arrigo Barnabé e Itamar Assumpção juntos em imagem dos anos 1990

Por Vicente Vilardaga (Folhapress)

Tem biscoito fino para as massas. Arrigo Barnabé acaba de gravar um álbum em que homenageia seu amigo, o músico Itamar Assumpção, morto em 2003. O nome provisorio do projeto, um vídeo gravado pelo selo Atração no espaço cultural Centro da Terra, é “Arrigo + Trisca Visitam Itamar”.

São 13 faixas e mais uma introdução em que Arrigo, uma das cabeças da vanguarda paulistana, escreve uma carta e simula um diálogo com Itamar, que foi seu parceiro por décadas. O produto, que pode chegar ainda em outros formatos, chega ao público no início de abril e está previsto um show para 1º de maio.

A “trisca” é composta por Paulo Lepetit (arranjos, baixo e vocal), Jean Trad (guitarra e vocal) e Marco de Costa (bateria e vocal). Os três, em algum momento, participaram da banda Isca de Polícia, que acompanhava Itamar, mas nunca estiveram juntos em um mesmo trio.

A partir do convite de Lepetit, Arrigo embarcou no projeto, que combina com a carreira de intérprete que tem cultivado na última década. Fez shows cantando composições de Lupicínio Rodrigues, em 2014, e de Roberto e Erasmo Carlos, em 2019, preservando as linhas melódicas da maioria das canções, mas impondo sua teatralidade e seu tom gutural.

O projeto previa um repertório de sambas, mas o trabalho evoluiu para algo diverso, com fusões de ritmos e experimentalismos, em parte pela influência de Arrigo, mas tam-

Nas iscas de Itamar

Mantendo fase intérprete, Arrigo Barnabé grava canções do amigo Itamar Assumpção

bém pelos arranjos de Lepetit. Sempre se considerou fazer algo que pertencesse a um certo “universo” de Itamar, que respeitasse a identidade do artista e suas ideias sobre música.

“O que eu destaco é a linguagem que a gente conseguiu. Ela já vem da Isca de Polícia lá atrás. E essa união com o Arrigo criou uma coisa nova”, afirma Lepetit. “A gravação tem esse sentido de álbum, eu estou chamando de álbum-vídeo. Trata-se de uma obra integral, com começo, meio e fim, como tinham os discos nos anos 1970 e 1980.”

O projeto começou em 2022 e o repertório foi apurado ao longo de seis apresentações em palcos do Sesc. Nesse processo, as composições foram mudando. “Na Cadência do Samba” virou um punk samba, enquanto “De Mais Ninguém”, de Marisa Monte e Ar-

naldo Antunes, ganhou uma introdução a la Ray Conniff.

Ao todo, são seis composições de Itamar, além de dois sambas de Nelson Cavaquinho - “Quando me Chamar Saudade” e “Luz Negra” -, dois de Aaulfo Alves - “Errei Erramos” e “Na Cadência do Samba”, que Itamar gravou -, além de composições de Arrigo - “Maldição”, em parceria com seu irmão Paulo Barnabé, e “Sentido do Samba”, com Sérgio Espíndola.

Mesmo o clássico Itamar, “Nego Dito”, acabou se fundindo com “Clara Crocodilo”, de Arrigo, criando uma espécie de conversa entre duas grandes obras. “Sempre pensei em fazer um encontro do ‘Nego’ com o ‘Clara’. Aí eu e o Paulinho [Lepetit] começamos a trabalhar em cima disso, buscando conseguir uma levada que fosse e mesma”, diz Arrigo.

Quanto a “Fico Louco”, Arrigo lembra que adorava cantar a música nos tempos em que morou com Itamar. Segundo ele, todo o processo de feitura do álbum envolveu muito diálogo entre os participantes, todo mundo dava algum palpite.

Para Arrigo, o projeto tem um peso emocional. “Minha mãe fazia as roupas que o Itamar usava nos festivais, fazia comida para ele, a gente tinha uma convivência muito forte”,

diz. Conheceram-se no início dos anos 1970, quando participavam de eventos de música e teatro em Londrina, no Paraná.

Itamar nasceu em Tietê (SP), mas cresceu em Arapongas (PR). “Em março de 1973, os músicos da região de Londrina decidiram fazer uma mostra e o Itamar participava. Fizemos shows, ele cantava músicas do Milton Nascimento, além das próprias composições”, diz Arrigo.

O cantor chegou em São Paulo em 1974 e tinha dúvidas sobre a carreira musical e treinava futebol no Juventus. Arrigo lembra, porém, que naqueles dias Itamar foi fazer um teste e retornou desolado, dizendo que não iria mais jogar. “O pior cara lá é melhor do que eu”, disse. “Vou ser músico mesmo”.

Mudou-se para uma casa na Bela Vista junto com dois amigos, Guará (Ricardo Rego) e Rubão (Rubens Brando). Depois de uns meses, Arrigo foi morar lá. Nessa época, Arrigo, Itamar, Eliete Negreiros, Antônio Tonelli e o irmão de Arrigo, Paulo Barnabé, fizeram um show chamado “Coração de Árvore” em Londrina e Curitiba. “O Itamar já cantava o Clara no show e eu tocava a Luzia”, lembra.

Prisão em boteco

Arrigo lembra também que os dois foram presos juntos num boteco. A polícia entrou no bar, começou a pedir documentos e viu que Itamar tinha uma maço de cigarro no bolso. Mandaram ele dar o maço e quando tirou do bolso caiu uma bagana de fumo de corda, que ele enrolava com papel.

“Itamar era muito careta, não fumava maconha, não bebia, era atleta”, conta Arrigo. A polícia não quis saber e colocou o grupo no camburão. Ficaram três horas rodando pela cidade até irem para uma delegacia às 3h da manhã. “O Itamar ficou apavorado”, afirma. “Sorte que o cara que cuidava das celas não era de tendência maligna e a gente acabou saindo no dia seguinte.”

Quando pensa no projeto atual em homenagem ao amigo, Arrigo vê uma forte relação com o jeito que Itamar tinha de pensar sua música e o desenvolvimento dos seus discos. “Ele tinha uma ideia de evolução em tudo, nos arranjos, mexia o tempo todo nos arranjos, e tinha muito essa característica de perceber as camadas das coisas”, diz. Também costumava dizer, segundo Arrigo, que não era um cara de vanguarda e sim popular, mas nunca conseguiu furar o bloqueio das grandes gravadoras. De qualquer maneira, seu trabalho foi recompensado.

“Veja como ele foi gravado por muitos artistas e como a geração mais nova tem muito interesse por ele”, afirma.

CORREIO CULTURAL

Carolina Spork/Divulgação



Projeto realizado em escolas públicas tem nova edição

Escola Cria leva cultura afro-brasileira para crianças

A primeira edição do projeto “Escola Cria - Musicalidade e Corporeidade nas Infâncias”, realizada em fevereiro nas escolas UMEI Antônio Vieira da Rocha e Escola Municipal Noronha Santos, proporcionou a cerca de 150 crianças e 20 professores de Niterói uma experiência transformadora através de um encontro entre música, cultura e história.

Comer na Páscoa

O restaurante Pitanga, em Itacoatiara, oferece nesta Páscoa menu degustação de nove etapas com vieiras, maki de pescado do dia, massago e ponzu, polvo com escabeche espanhol, lula grelhada e moqueca em menu da chef Jess Hulme.

Nova função

A GloboNews definiu a data de estreia de Nilson Klava como apresentador no canal de notícias. O jornalista apresentará o Em Ponto, matinal exibido entre 7h30 e 9h30, com Monica Waldvogel. A estreia está marcada para o dia 1º de abril.

Agora, a iniciativa se multiplica e terá uma segunda edição a partir de abril. O projeto leva cultura afro-brasileira às escolas públicas. “Buscamos valorizar a autoestima das crianças, especialmente as negras, conectando-as com sua cultura e história”, diz a capoeirista Flávia Marina, criadora do projeto.

Comer na Páscoa II

A chef Millena Sá (Éclair Bistrô) criou sabor inédito para a Páscoa no menu da Oggi Pizza Napoletana. A La Mera vigilia tem brigadeiro de pistache como recheio. A pizza é feita com creme de doce de pistache e pedaços de pistache na borda.

Dragon Ball Park

Será construído na Arábia Saudita o primeiro parque temático dedicado ao universo Dragon Ball, um dos mangás mais bem-sucedidos de todos os tempos. A atração será construída na cidade de Qiddiya e terá mais de 500 mil m².

Divulgação



Morta em 2021, Marília Mendonça segue liderando o ranking nacional de execução de músicas

O tamanho do mercado fonográfico

Estudo da Pró-Música aponta faturamento de R\$ 2,8 bilhões em 2023 e Marília Mendonça foi a artista mais ouvida no período

A Pro-Música, entidade que representa as principais gravadoras e produtoras fonográficas do Brasil, apresentou seu relatório anual sobre o mercado fonográfico brasileiro de 2023. Seguindo a tendência de crescimento, o setor registrou um faturamento de R\$ 2,864 bilhões, representando um aumento de 13,4% em comparação ao ano anterior. Com esse resultado o Brasil mantém sua posição no 9º lugar no ranking do IFPI, a Federação Internacional da Indústria Fonográfica, consolidando-se como um dos maiores mercados do mundo.

O relatório traz ainda o ranking das 200 músicas mais acessadas nas plataformas de streaming no país em 2023. Artistas do gênero sertanejo ocupam nove das 10 primeiras posições do ranking, sendo Marília Mendonça (1995-2021) a cantora mais ouvida no país. O levantamento realizado pela Pro-Música

é o único da indústria fonográfica a considerar as músicas mais acessadas em plataformas de streaming Brasil, incluindo dados combinados e ponderados economicamente de Spotify, Youtube, Deezer, Apple Music, Amazon Music e Napster, compilados pela empresa espanhola BMAT.

O relatório da Pro-Música também destaca o crescimento do mercado físico, que, apesar de representar apenas 0,6% do total das receitas, alcançou R\$ 16 milhões, o maior patamar desde 2018, com um crescimento de 35,2% em relação a 2022. Os discos de vinil foram o grande destaque, com vendas de R\$ 11 milhões, aumento de 136,2% e se tornando o formato físico mais vendido, ultrapassando os CDs.

Segundo Paulo Rosa, presidente da Pro-Música Brasil: “Os números de 2023 do mercado fonográfico brasileiro continuam a apresentar crescimento acima da

média mundial. O Brasil cresce 13,4% comparado a 10,2% de incremento do mercado mundial, refletindo a consolidação do streaming como modelo de distribuição musical dominante em nosso país e em todos os mercados de música do planeta”, destaca.

O relatório traz detalhes sobre o desempenho do setor no último ano. O crescimento do mercado fonográfico nacional superou a média global pelo sétimo ano seguido, segundo o relatório do IFPI divulgado na última semana.

O fator determinante para este crescimento no Brasil continuou sendo o streaming, que representou 87,1% do total das receitas do setor, um aumento de 14,6%, totalizando R\$ 2,5 bilhões. O streaming por assinatura em plataformas como Spotify, Youtube Music, Deezer, Apple Music, e outros, registrou um crescimento de 21,9%, atingindo R\$ 1,6 bilhão. Já o streaming remunerado por publicidade teve crescimento de 7,3% com vídeos musicais e leve queda de 1% no segmento de áudio.

O relatório internacional do IFPI Global Music Report aponta que a indústria global de música gravada cresceu 10,2% em 2023, também impulsionada pelo streaming. Os números divulgados pelo IFPI mostram que as receitas totais no mundo em 2023 foram de US\$ 28,6 bilhões. O faturamento do streaming de áudio por assinatura aumentou 11,2%, alcançando 48,9% do total do mercado, através de 667 milhões de usuários de contas de assinatura pagas, ao final de 2023.

Já o relatório da Pro-Música aponta que, no Brasil, o faturamento alcançou R\$ 2,5 bilhões apenas em vendas digitais e físicas, um aumento de 14,5% em relação a 2022. As receitas oriundas de execução pública para artistas, músicos e produtores fonográficos cresceram 4%, somando R\$ 336 milhões, enquanto as de sincronização tiveram um salto de 87%, alcançando R\$ 14 milhões. Ao todo, o setor atingiu R\$ 2,9 bilhões em 2023, mais que triplicando seu faturamento nos últimos seis anos.

Grupo Garagem 21 estreia versão feminista de 'Dias Felizes', de Samuel Beckett

A peça "Dias Felizes", de Samuel Beckett, com montagem inspirada no teatro do inglês Tadeusz Kantor, estreia no próximo dia 28 de março no Teatro Nelson Rodrigues. Dirigido por Cesar Ribeiro, o espetáculo traz a história de Winnie, interpretada por Lavínia Pannunzio, uma mulher de 50 anos que dialoga de modo otimista sobre um passado glorioso e a esperança de dias melhores.

Nessa condição precária, em um cenário desértico, ela se agarra às palavras e a seus últimos pertences para enfrentar a passagem do tempo e comandar seu universo de esperanças contraditórias com a realidade em que está inserida.

Na montagem, a violência do patriarcado, assim como as imposições relacionadas à construção do feminino se tornam o centro das discussões. Segundo o diretor, a voz que se ouve na peça é de Winnie, que o tempo inteiro retorna à expectativa de felicidade enquanto narra possibilidades de afeto perdidas no passado e a aridez do estado presente.

Além da imobilidade ao estar enterrada, a memória é falha, o sol é constante e seu marido, Edgar Castro permanece indiferente, ao fundo da cena, absorto na leitura de manchetes de velhos jornais.

"Ao mesmo tempo, como um quebra-cabeça, o texto vai remontando uma relação afetiva que começa com a 'conquista' seguida por imediato silêncio entre o casal, resultado de um marido presente fisicamente, mas sem nenhum grau de escu-



Em 'Dias Felizes', Winnie se agarra às palavras e a seus últimos pertences para enfrentar a passagem do tempo

Possibilidades de afeto perdidas

ta e que apenas grunhe palavras incompreensíveis e, às vezes, algumas frases soltas ou pequenas respostas", explica Ribeiro.

A montagem utiliza obras como Eichmann em Jerusalém, em que Hannah Arendt propõe que o mal, ao atingir grupos sociais, é político e ocorre onde encontra espaço institucional, gerando a naturalização da violência como processo histórico e sociopolítico. Desta forma, Dias Felizes aborda a desumanização, que condiciona grandes parcelas da população a uma cidadania de segunda classe.

"O isolamento, a escassez de recursos, a natureza hostil e a oposição entre os desejos de luta pela vida e desistência diante das adversidades configuram a obra como uma representação do abandono pelo Estado, pela coletividade e por qualquer suposta divindade organizadora. Mas como garantir a vida de milhões de pessoas vulneráveis socialmente sob uma realidade excludente?", questiona Cesar Ribeiro.

A proposta de montagem segue a investigação dos sistemas de violência característica

do grupo Garagem 21. Em Esperando Godot é investigada a violência estrutural e em O Arquiteto e o Imperador da Assíria o foco está na violência cultural.

O grupo Garagem 21 surgiu em 2009, na cidade de São Paulo. Desde o princípio, centra suas pesquisas na investigação da ideia de poder e suas extensões no corpo social. Do ponto de vista estético, procura um híbrido do teatro com outras linguagens, como quadrinhos, videogames, desenhos animados e dança contemporânea, em busca de uma forma de fazer teatro

relacionada à transformação social propiciada pelas novas tecnologias e capaz de fomentar um público contemporâneo e alheio ao teatro, além da continuidade do público usual.

SERVIÇO

DIAS FELIZES

Teatro Nelson Rodrigues - Caixa Cultural (Av. República do Paraguai, 230 - Centro) Até 7/4, de quinta a sábado (19h) e domingo (18h) Ingressos: plateia - R\$ 40 e R\$ 20 (meia) | balcão - R\$ 30 e R\$ 15 (meia)

ENTREVISTA / LUIZ CARLOS LACERDA (BIGODE), POETA E CINEASTA

Alisson Prodlík/Divulgação

'Todo ser é poeta, é só se permitir o salto sem nenhuma rede de segurança'

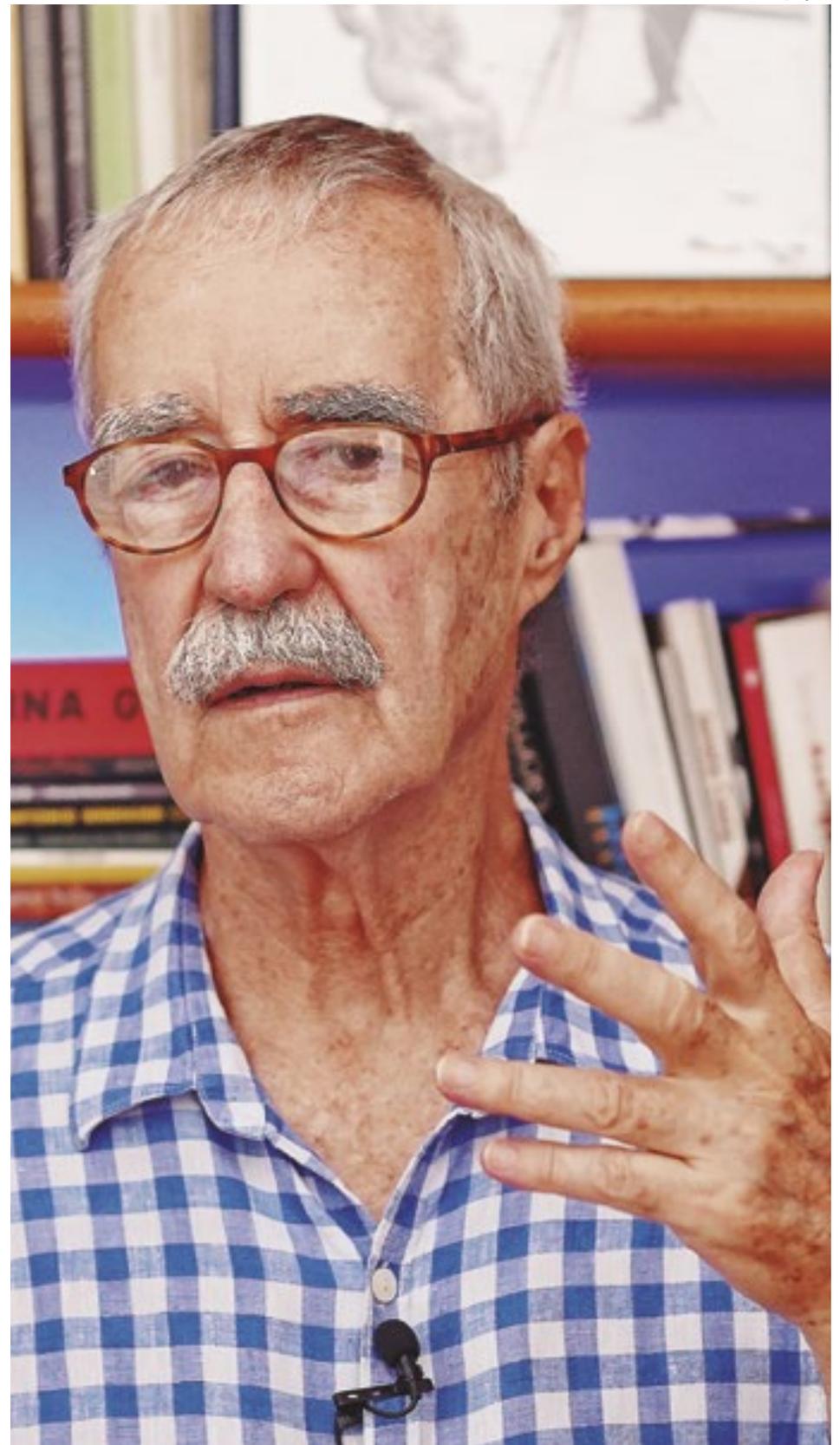
Por Rodrigo Fonseca | Especial para o Correio da Manhã

Duas novas coletâneas de poemas envernizadas numa grife cinematográfica consagrada desde os anos 1970 renovam o repertório literário do realizador Luiz Carlos Lacerda, o Bigode: "Amorosa Ciência" e "Labirinto Febril". Os dois serão lançados nesta segunda-feira, no Estação NET Rio, às 19h. Cada uma das obras aborda uma fase distinta de seu autor, abrangendo sentimentos esculpidos à luz de sua cinefilia e de seu agigantado cabedal de leitura. Lampejos de Lúcio Cardoso (1912-1968) - um amor de ontem, ídolo de sempre e objeto de múltiplos filmes - iluminam sua escrita. Outros faróis o guiam também. Na entrevista a seguir ele revela quais e adianta detalhes sobre o filme que prepara sobre o cineasta e produtor Carlos Vinícius Borges.

De que maneira o reencontro com toda a sua história como poeta, para a feitura desses seus novos livros, trouxe velhas buscas e antigos sentimentos de volta à vida?

Luiz Carlos Lacerda, o Bigode: Cada livro provoca um sentimento diferente pela própria natureza, temática e momento de vida. "Amorosa Ciência" é uma organização

de poemas da minha juventude, entre os anos 1960 e 70, perdidos no furacão da vida e do Desbunde que vivíamos, pulando de um endereço para outro, entre Paraty, Ipanema, Londres, Arembépe, Salvador etc. Eles talvez contenham uma linguagem mais experimental e onírica, comme il faut. E o sentimento que me vem é uma espécie de permissão para reviver, reverenciar e comemorar o exercí-



cio de uma Liberdade exercida no seu mais profundo mergulho, apesar da repressão da ditadura e de uma Sociedade que ainda não se curou daquilo que o homem tem de pior. Esses poemas foram encontrados recentemente na Feira de Antiguidades da Praça XV pelo pintor Ronaldo Miranda. Já o "Labirinto" tem poemas escritos durante a pandemia, onde perdi muitos amigos - aos quais o livro

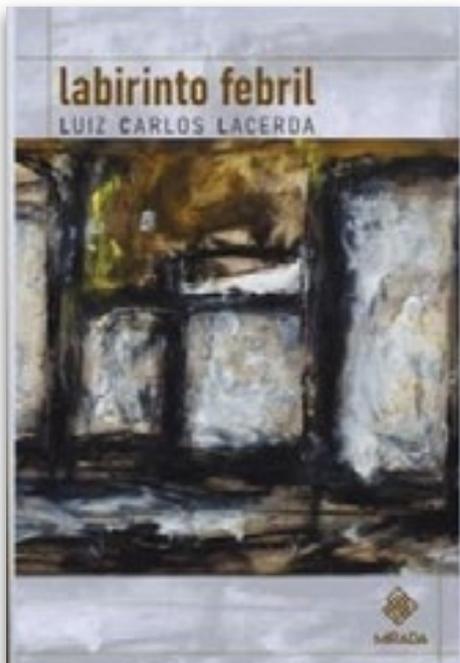
é dedicado - numa quarentena de oito meses. São poemas marcados pela imensa tristeza, medo e desespero.

Que emoções ali retratadas nascem da prosa de Lúcio Cardoso, que foi um amor e uma de suas maiores influências?

A capa do romancista Lucio Cardoso retrata a paisagem claustrofóbica desse en-



Acima, cena de 'Celebrazione', longa de Bigode sobre a passagem do diretor italiano Pier Paolo Pasolini pelo Rio nos anos 1970; abaixo, as capas dos novos livros de poesia do realizador brasileiro



carceramento. Lidos hoje, passados o furacão da Peste e o furacão político (um ligado e responsável pelo outro), vejo que apesar disso, dessa tristeza, nele avistamos alguns sinais de Esperança. Sabe-se lá como. Minha geração tem expertise de lidar com esses tsunamis. Lucio está (além das capas) sempre presente na minha vida de artista, vívido especialmente nessa atmosfera do "Labirinto febril". Labi-

rinto que enclausura. Febre de viver.

O que Cacá Diegues e Rosemberg Cariry, que escrevem no livro, pontuam de mais singular na sua obra poética?

Rosemberg é um intelectual dos mais eruditos que há entre os cineastas brasileiros. Sua vasta cultura, presente nos seus belos e antológicos filmes, é capaz de dissecar uma

poesia, buscar com seu bisturi de sensibilidade e de múltiplas influências belezas de que nem eu próprio tinha consciência - como os surrealistas faziam, por exemplo. Foi movido por essa intenção, de entregar a arqueologia de minha escrita para ser desvendada, que pedi seu texto de apresentação. É um texto que leio e releio incessantemente, numa fruição de sua análise poética e reveladora, como tudo o que esse grande artista realiza. Cacá é um farol da cultura brasileira que me presenteou com esse facho de luz generoso sobre minha poesia. De dentro dela ele extrai, para meu espanto, a pérola que possa conter o seu interior. Rabisca de signos que encontra, no meu texto, um mapa que me surpreende e me remete responsabilidades assustadoras. Será que é tudo isso a minha poesia? É um privilégio ser contemporâneo deles! Em tempos de novas patrulhas e de discursos supostamente libertários, esconderijo de inconfessáveis preconceitos (como o etarismo), é com orgulho que me alinho a eles. Eu o faço sem a mesma competência e talento. Como escreveu Fernanda Montenegro, em outro contexto, mas bastante oportuno: "Quero estar ao lado das bruxas quando acenderem a fogueira!".

Em que ordem poesia e cinema se posicionam em sua jornada criativa? Onde e quando começa cada um e como eles se posicionam na sua obra?

Minha Poesia e o meu Cinema são indissolúveis e inseparáveis. Como no poema de Murilo Mendes, o "Formas Alternadas". Ele diz: "Não sei onde a mãe acaba/ e onde a filha começa". Sou filho de um pioneiro, João Tinoco de Freitas. Ele foi o produtor de "A Mulher de Longe", de Lucio Cardoso; de "Comício com Prestes"; e "Rio 40 graus", do Nelson Pereira do Santos. Lembro de eles se reunirem aos domingos em nossas casas. Lá estavam os cineastas que viriam a ser os diretores do moderno cinema brasileiro - como indica a placa no prédio onde morávamos, em Copacabana. Já a poesia... essa era mais presente na minha vida de adolescente. Meu bisavô e meu avô paterno eram poetas, portugueses nascidos no século XIX. Meu pai e minha mãe me inocularam o hábito da leitura, mas era sempre prosa. Ela me deu os livros de Thomas Mann. Depois veio o Monteiro Lobato da Infância e o "Encontro Marcado", do Fernando Sabino, na adolescência. Na sequência vieram os livros de Jorge Amado, do Graciliano, de Zé Lins do Rêgo, e Lucio Cardoso, que era seu amigo. A poesia viria pelas mãos do meu avô paterno, quando eu era ainda menino, presenteadome com o livro do simbolista português Antonio Nobre. Depois viriam o poeta

Cláudio Murilo Leal - meu professor, que me revelou os modernistas brasileiros e os simbolistas franceses - e Walmir Ayala, que está focado nos poetas do Brasil. Eles dois, além de me incentivarem a escrever, publicaram meus poemas em antologias que organizavam, apresentando-os com enorme generosidade. O cinema veio depois, aos 19 anos. Tenho muitos títulos dedicados a escritores e meus filmes, muitos deles, obedecem a esse Cinema de Poesia sugerido por Pasolini.

O que um poeta brasileiro deveria ler na formação de si e na formação de sua obra?

Sempre repito o que declarou Lúcio Cardoso numa entrevista: "O único que aconselho é não aceitar o conselho de ninguém". Cada um descobre seu caminho, suas predileções e escolhas. Talvez o segredo seja experimentar, pesquisar. Hoje a Internet facilita o acesso. Eu tive a sorte de ter essas pessoas por perto. Meus pais; meu professor. Mas precisei correr atrás de leitura no Real Gabinete Português de Leitura, onde matava as aulas no ginásio, e na Biblioteca Nacional.

Que angústias e que levezas formam os versos de seus novos poemas?

Não há leveza nos meus poemas. Há um estado de transe, uma paixão que determina e escolhe cada palavra, cada verso. Nos poemas da juventude, muitas vezes prevalece somente o compromisso com a musicalidade e com a trágica sonoridade das palavras. Não é para fantasiar seu conteúdo, mas para deixar apenas pistas, reticências que o leitor vai costurando na compreensão daquilo que a sua sensibilidade é capaz de tecer. Como um tecelão que se deixa levar por sua sensibilidade poética. Todo ser é poeta, é só se permitir o salto sem nenhuma rede de segurança. Nos poemas atuais, menos pretensiosos, há um desejo da maior comunicação. Como se a consciência de que meu tempo vai se esgotando quisesse dizer alguma coisa. Não confunda com a ideia de "mensagem", pois isso não deve ser tarefa de poetas. Poesia é um grito à beira do vulcão em erupção.

Que filmes estão vindo por aí?

Acabo de lançar no Festival do Rio, "Celebrazione", uma homenagem à Pasolini, sobre o texto em que ele conta sua passagem pelo Rio em 1970. Preparo agora o documentário sobre Cavi Borges, um campeão de jiu-jitsu que se tornou, por acaso, o maior produtor de cinema independente do Brasil. Ele transformou o cinema em paixão obsessiva.

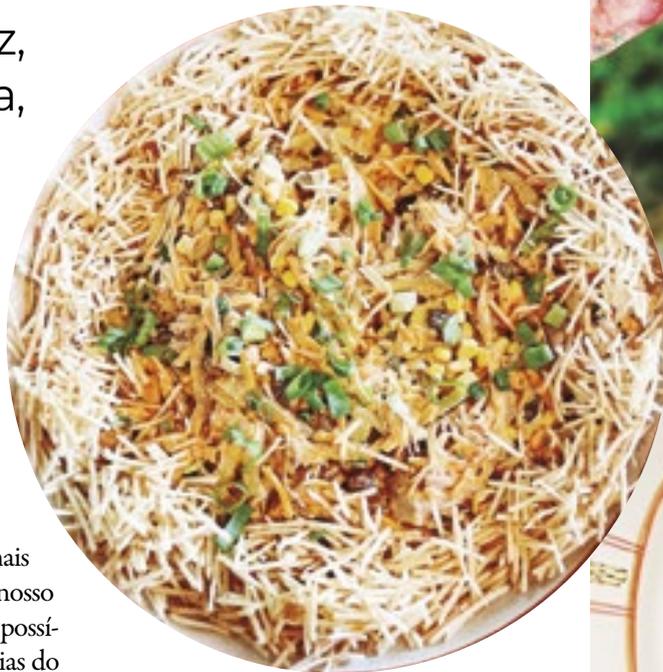


Feito com a fruta ainda verde, o jacalhau (ao lado) é o rei da festa. Carolyna ainda assina o salpicão e kibe feitos usando a jaca



Enfiando o pé na jaca

A chef Carolyna Vaz, do Sabores da Terra, produz maravilhas com a versátil fruta considerada a carne da culinária vegana



Por Cláudia Chaves

Especial para o Correio da Manhã

Sexta feira santa é a data mais difícil do ano, porque o nosso hábito é peixe. A carne é possível ultrapassar, mas as delícias do mar? A solução é vegana? É Carolyna Vaz que, com seu Sabores da Terra, cria as maiores delícias com jaca. Eu falei jaca... É algo tão gostoso, tão bem realizado, com tantos sabores que, mesmo quem atravessa a rua para nem sentir o odor da fruta, come e se delicia.

Começamos com o quibe de jaca. Crocante, recheado, macio é como Carol nos apresenta. Aprendemos com a chef que o preparo não é difícil. É tudo feito com jaca verde, mais fácil de cortar, que ainda não desenvolveu os caroços. Cozinha-se na panela de pressão. Com diz Carol: “Vi que eu tinha um papel em branco na mão, que eu

tinha um fruto super versátil, sem sabor, sem cheiro, sem cor, e que eu podia criar o que eu quisesse. Aí, começou. Tem dez anos, quase.”

Como prato principal, fomos no empadão de jaca e no jacalhau. O empadão é uma massa fininha de farinha italiana e manteiga de alta qualidade com muito, mas muito recheio, cremoso, temperado que dá aquela umidade. Ao invés de se desmanchar pelo caminho, é na boca, em cada garfada que se sente a massa e não se fica com aquela sensação de estômago empanturrado.

O rei da festa é mesmo o jacalhau, essa



brincadeira com o mais querido da Sexta-feira Santa e do Natal, vem desfiado, temperado, na embalagem e aí, com total facilidade, azeite (bastante) e forno. E como é tempo de surpresas, de coelhinho da Páscoa que trazes para mim? não revelaremos coisa alguma. Só perguntarem o clássico: você quem fez? Porque a receita é nova. Aí virá a revelação é jacalhau de os Sabores da Terra, de Carolyna Vaz.

Carol é uma chef rara, sua foto no Instagram é plantando bananeira que é exatamente o que ela faz. Cria sabores, texturas, faz da comida vegana um prazer. Mas como não somos de ferro, pedimos todos os pratos da semana estendida. Empadão de costela para o Sábado de Aleluia e Empadão de Camarão para o Domingo de Páscoa. E mais: temos certeza que farão mais sucesso que a caça aos ovos.

SERVIÇO

SABORES DA TERRA

(21) 97292-7216 ou pelo direct @ carolyna_vaz